

ROTEIRO

Rio Paraguaçu
 Cachoeira (Bahia)
 Cachoeira, São Félix,
 Cruz das Almas, Milagres

Rio das Contas
 Chapada Diamantina (Bahia)
 Rio das Contas, Mucugê, Palmeiras,
 Lençóis, Iramaia, Caitiá, Palmas de
 Monte Alto

Currais de São Francisco
 (Bahia/Minas Gerais)
 Carinhanha, Malhada, Mathias
 Cardoso, Manga, Itacarambi, Januária,
 São Francisco, São Romão, Pirapora,
 Paracatu

Grande Sertão Veredas
 (Minas Gerais)
 Formoso, Chapada Gaúcha, Sítio
 D'Abadia, Arinos, Buritis, Uruçuaia

Divisor de Águas
 (Goiás/Distrito Federal)
 Flores, Cavalcante, Formosa, Planaltina
 (DF), Planaltina (GO), Sobradinho,
 Brazlândia e Padre Bernardo

Serra dos Pireneus
 (Goiás)
 Pirenópolis, Corumbá, Cocalzinho
 e Jaraguá

Serra Dourada
 (Goiás)
 Cidade de Goiás

PARQUES

Parque Nacional Chapada
 Diamantina

Parque Nacional Cavernas
 do Peruaçu

Parque Nacional Grande
 Sertão Veredas

Reserva Ecológica de
 Águas Emendadas

Parque Nacional de Brasília

Área de Proteção Ambiental da
 Bacia do Cafuringa

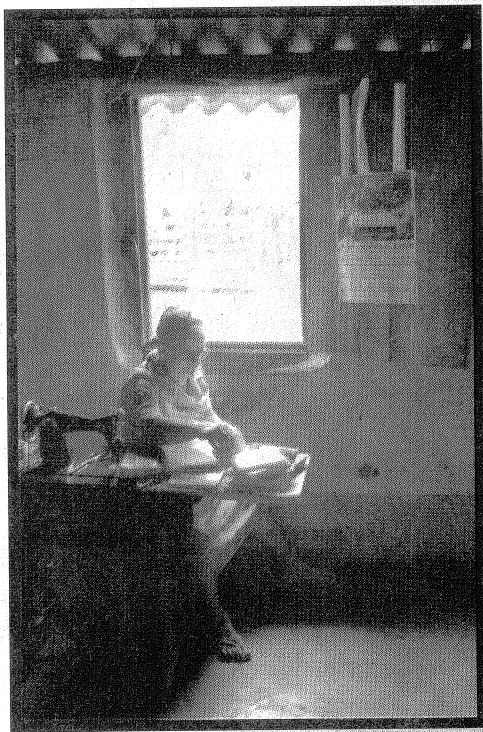
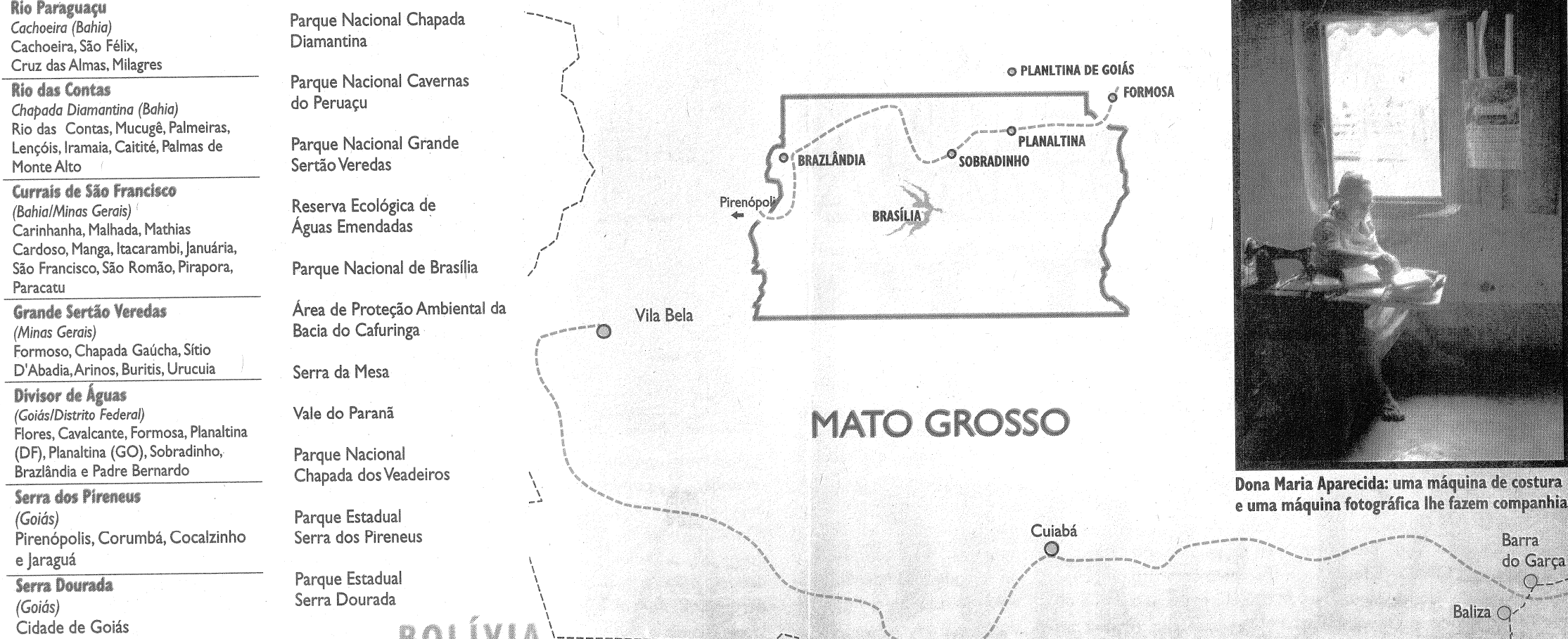
Serra da Mesa

Vale do Paraná

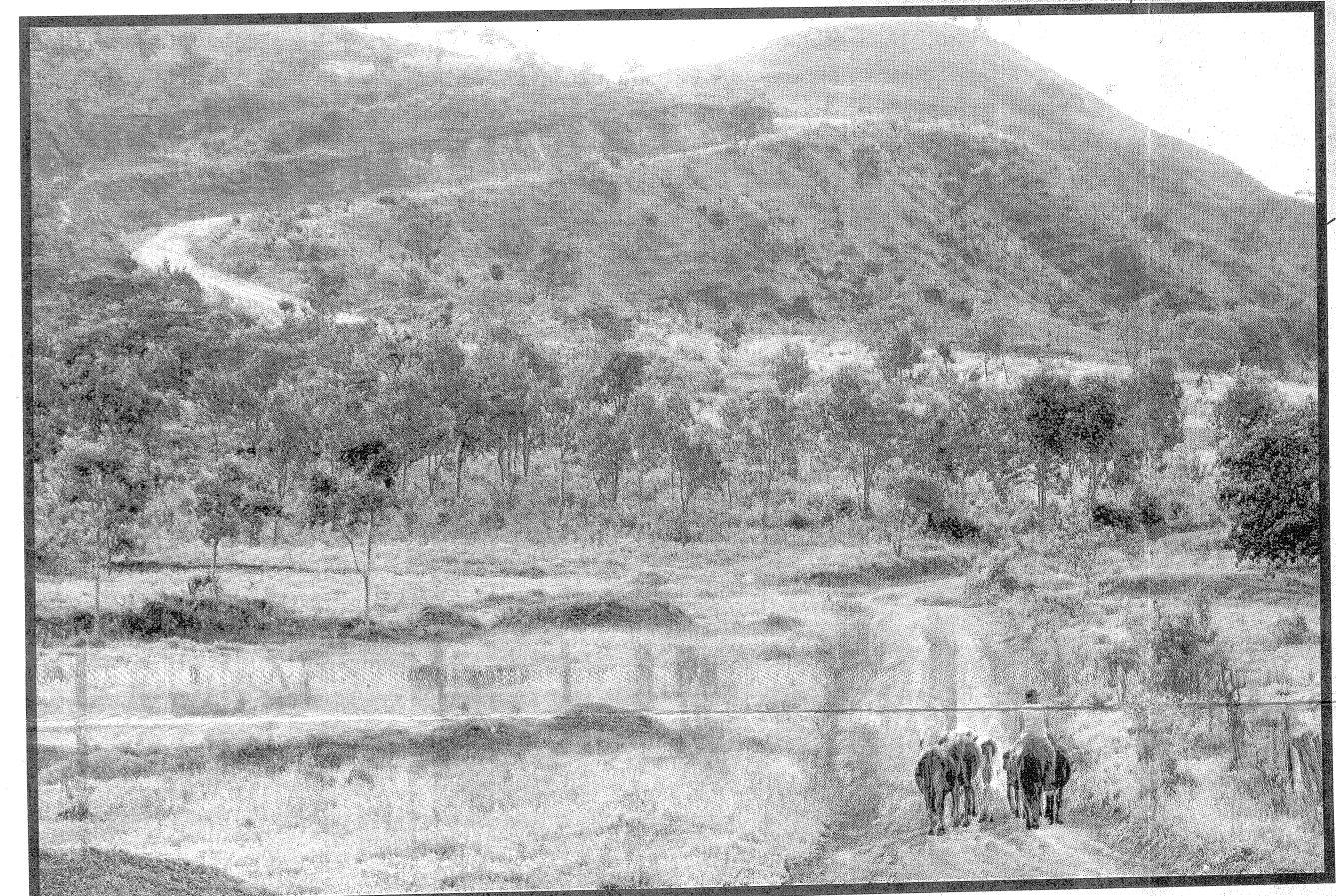
Parque Nacional
 Chapada dos Veadeiros

Parque Estadual
 Serra dos Pireneus

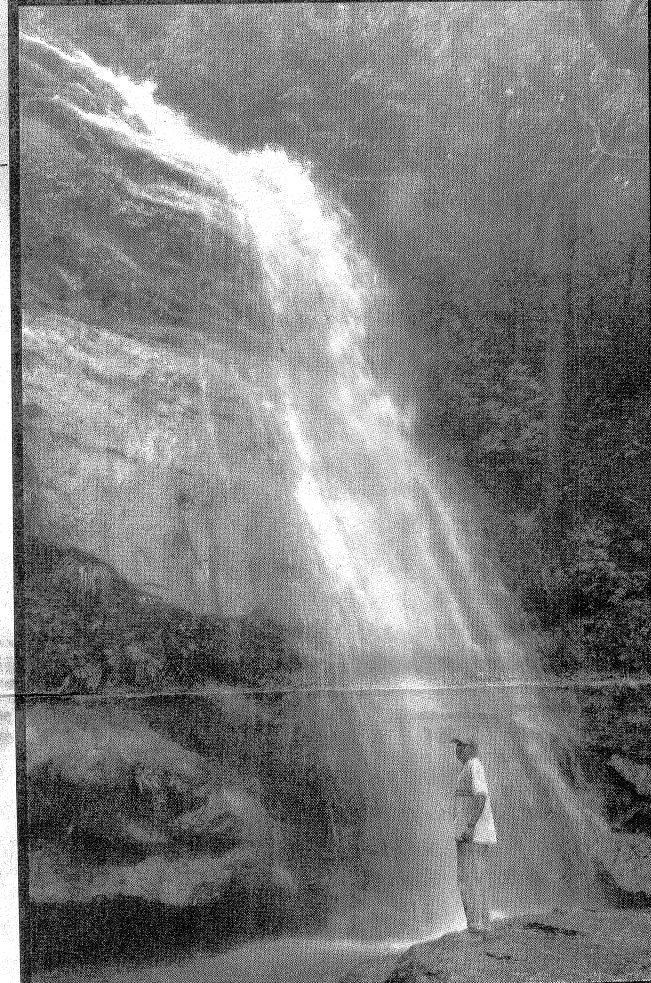
Parque Estadual
 Serra Dourada



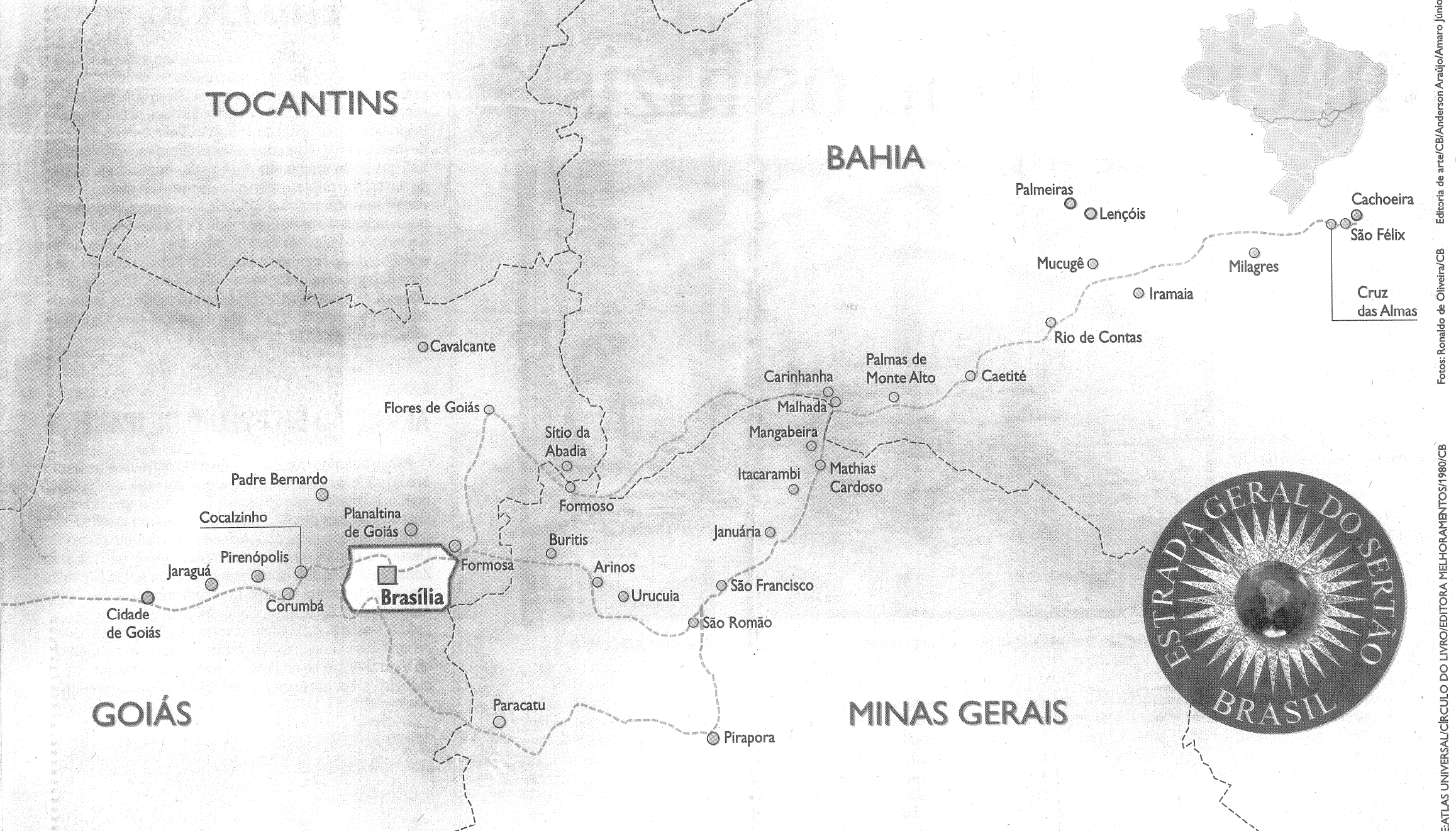
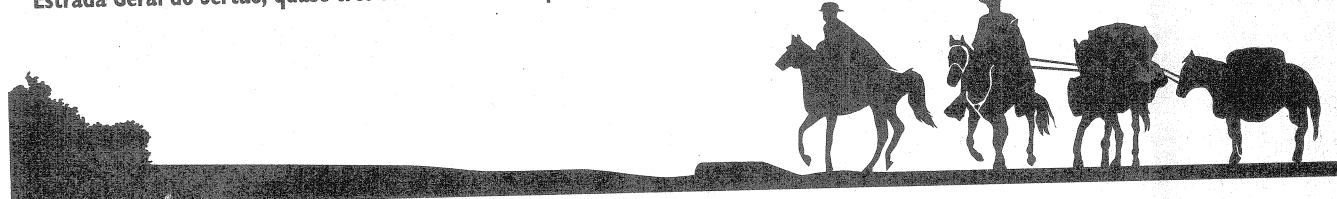
Dona Maria Aparecida: uma máquina de costura e uma máquina fotográfica lhe fazem companhia



Estrada Geral do Sertão, quase três séculos de Brasil perdidos no tempo e no esquecimento



Cachoeira do Girassol, 25m de queda d'água ao lado da Gruta do Eco, à margem da BR-070



Casario colonial de Corumbá: a cidade de 275 anos espera os novos visitantes para retomar seu crescimento



Na casa de adobe de seu Valdezinho, a parede da sala revela antigas histórias de fé

GRANDE SERTÃO:

Em convênio com o Ministério do Turismo, entidades não-governamentais reconstituem um caminho colonial que cortava o país de leste a oeste e passava pela parte norte do hoje Distrito Federal

CONCEIÇÃO FREITAS DA EQUIPE DO CORREIO

A mais extensa estrada colonial brasileira cortava o Brasil de leste a oeste, da Bahia ao Mato Grosso, ligava Salvador à cidade de Goiás, passava pela banda norte do hoje Distrito Federal e servia de chão para bandeirantes, autoridades da Coroa Portuguesa, exploradores de minérios, mercados de sal, fazendeiros e migrantes fugitivos da seca. É a Estrada Geral do Sertão, citada em documentos dos séculos 18 e 19 e tirada do esquecimento pelo pesquisador Paulo Bertran, morto em outubro do ano passado.

São 2.630 quilômetros de estrada, uma veia que corta cinco mil unidades da federação (Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal), atravessa alguns dos mais portentosos parques nacionais do país (o da Chapada Diamantina e o da Chapada dos Veadeiros, entre eles) e singra dezenas de cidades históricas e povoados esquecidos — um Brasil que os brasileiros ainda desconhecem. Torná-lo conhecido é um dos propósitos do projeto de R\$ 200 mil financiado pelo Ministério do Turismo, em convênio com o Instituto Páidéia e o Instituto Bertran Fleury. Será um roteiro de turismo sustentável com a ambição de gerar empregos e renda para as vastas populações carentes do percurso.

Além do fato de o Distrito Federal abrigar dois trechos da estrada, há duas razões para os brasileiros se interessarem pela novidade. Uma, de caráter afetivo: um dos idealizadores do projeto é o historiador Paulo Bertran, autor do clássico *História da Terra e do Homem do Planalto Central*, morador de Brasília, morto em outubro do ano passado. A outra, de fundo histórico-afetivo: muitos dos migrantes que cruzaram a estrada na primeira metade do século 20 pararam em Formosa (Goiás) e foram se espalhando pelas terras do hoje Distrito Federal.

Peregrinos
 Tanto que não é difícil encontrar ainda hoje muitos desses peregrinos há muito instalados entre Formosa e Sobradinho. Gente como dona Ana Alves de Souza, 75 anos, moradora da mais antiga rua do Distrito Federal, a Rua do Mato, uma estrada encravada entre moros perto da Fercal, na via de acesso de Sobradinho 2. O caminho que até hoje os migrantes percorrem de ônibus, e até pouco o faziam de pau-de-arara, a família de dona Ana trilhou de burro, jumento e mula. Na maior parte do tempo, a pé. Pai, mãe, grávida de seis meses, oito filhos, farnel de feijão, farinha e carne-seca e uma vaga ideia de destino, o Mato Grosso, onde o filho supunha encontrar o futuro.

Velhos goianos das proximidades de Formosa e Brazlândia muito se lembram da passagem dos migrantes pela picada da Bahia, como a estrada era conhecida na região. Seu Walter Ayres Cavalcante, 75 anos, pioneiro de Brazlândia, se recorda de ver os baianos chegando pela Estrada Geral do Sertão, "a pé, a cavalo, de tropa, um, de poucos e muitos". Vinham em grandes levas "nos tempos das águas". Escasseavam no tempo da seca. Conta-se que as mães, para impedir os filhos pequenos de brincar muito longe de casa, amedrontavam-nos: "Cuidado, que os baianos podem carregar vocês!"

Estrada do sal, estrada dos currais, picada da Bahia, Estrada Geral do Sertão, seja qual for a denominação que se dê à longa via, ela conta a história de um país colonial, arcaico, movido pela exploração do ouro e pela pecuária extensiva. Foi por ela que dom Luís da Cunha Menezes fez a travessia de Salvador (Bahia) até a cidade de Goiás, para tomar posse da capitania, no ano de 1778. Mais ainda: o novo governador de Goiás passou pelas bandas do atual Distrito Federal e não encontrou neve — conforme seu próprio relato: "São João das Três Barras (era) um sítio tão frio que no mês de junho que é a maior forma de inverno chega a cair neve, tem muito boas frutas principalmente de coquinho, um nascimento de água excelente, as fazendas a maior parte delas são roças e engenhos do sertão".

Descobertas
 O historiador Paulo Bertran acreditava que São João das Três Barras era um sítio na Chapada de Contagem (o platô cercado de vales e declives que nos dão a impressão de montanhas). Bertran acredita que a "neve" de Cunha Menezes deve ter sido uma geada forte, comum à época. O historiador também identificou no relato do governador da capitania o povoado de Vendinha, hoje um bairro pobre de Brazlândia. Encontrou também o Rodeador e o Bandeirinha, córregos das proximidades, e o Couro (antigo nome da cidade de Formosa). Cunha Menezes e sua comitiva passaram 48 dias em lombo de burro, de Cachoeira, cidade a 116km de Salvador, até as proximidades de Formosa.

Os registros dessa jornada estão em *Notícia Geral da Capitania de Goiás*, compilação de textos antigos que Bertran recuperou na Biblioteca Nacional e no Ultramarino de Lisboa.

O governo Juscelino Kubitschek aproveitou boa parte da picada da Bahia e deu a ela o nome de Estrada da Integração Nacional. Antes, na era Vargas, a estrada serviu de passagem de nordestinos rumo à Colônia Agrícola Nacional, projeto liderado pelo engenheiro Bernarado Sayão e que fazia parte da Marcha para o Oeste, campanha de Getúlio para criar novas fronteiras de produção no campo. Com a construção da BR-020, que liga Brasília a Fortaleza, a Estrada Geral do Sertão foi desativada, o que deixou "dezenas de cidades isoladas do progresso", diz o professor de história Robson Eleutério que, junto com Paulo Bertran, idealizou o projeto.

Para dar passagem aos esperados turistas, praticantes de esportes de aventura, ambientalistas, historiadores e todos quantos queiram conhecer a longa estrada sertaneja, o percurso foi repartido em sete trechos (veja quadro). O primeiro a ter o projeto concluído levou o nome de Estrada Colonial no Planalto Central. E aquele que passa na banda de cima do Distrito Federal. Vai de Formosa a Corumbá,

150km de cachoeiras, cavernas, grutas, cânions, rios, mirantes, paredões, estradinhas que levam a pequenos povoados, festas religiosas e um povo sertanejo que vive ao largo do mundo tal qual os urbanos conhecem.

Solidão
 Dona Maria de Aparecida Braz vive há 48 anos com o marido, Zequinha Braz, ao pé de uma montanha no município de Cocalzinho. Não há outras casas num raio de quilômetro. Quando o marido vai à cidade, dona Maria passa dias e dias sem ver viv' alma. "Tem esses meninos (aponta para os jovens que trabalham na roça), mas eles só passam por aqui e vão embora. Todo mundo se mudou pra cidade. E eu desde que me desgaritei de Luziânia, vivo aqui", diz, num lamento. Dona Maria tem como companhia constante as sepulturas do sogro, Virgílio Braz, e dois cunhados, a menos de 50m do barraco de adobe onde mora. Nesse sertão, até há bem pouco tempo, os mortos eram enterrados no quintal de casa.

Tanta solidão não desacorçoou dona Maria. Ela achou seu jeito de desinventar a tristeza. Sai por aí fotografando tudo o que lhe chama a atenção, especialmente as festas religiosas, mais especialmente ainda a da padroeira do Brasil, em Aparecida do Norte, São Paulo. Dona Maria guarda as fotos numa sacolinha de plástico. Tira um por um, os pequenos álbuns e mostra seu modo singular de olhar o mundo. Fotografava um cachorro solitário, um bêbado na calçada, o perfil de um estranho, um pedaço da torre de uma igreja — ângulos inusitados.

O BRASIL NA ESTRADA

Brasília, em Aparecida do Norte, São Paulo. Dona Maria guarda as fotos numa sacolinha de plástico. Tira um por um, os pequenos álbuns e mostra seu modo singular de olhar o mundo. Fotografava um cachorro solitário, um bêbado na calçada, o perfil de um estranho, um pedaço da torre de uma igreja — ângulos inusitados.

Não muito longe do barraco de dona Maria, ao longo da Estrada Geral do Sertão, ainda no município de Cocalzinho, surge um paredão de pedra entre duas montanhas. O coordenador de campo do projeto, Emerson Abreu Guimarães, escala a margem do rio Verde, esgueirando-se por uma encosta íngreme e pedregosa, até alcançar o cânion que espreme águas apressadas e volumosas. Seu Raimundo Brito mora na beira do rio, de onde já viu mais de uma vez o efeito das trombas d'água. O leite do Rio Verde avança por mais de 50m sobre a margem e sai levando o que encontra — sejam pedras, sejam plantas, sejam árvores, sejam bois.

Não muito longe da casa florida de seu Valdezinho, há uma sucessão de grutas com inscrições rupestres, marcas da presença do homem na região há, pelo menos, 4 mil anos. Um paredão de calcário, de mais de 40m de altura, esconde, em grutas e reentrâncias múltiplas na pedra, um tesouro arqueológico. Ao mesmo tempo, uma bela paisagem

diz que há uma onça preta e um grupo de onças de pelo bege rondando o chapadão ali próximo. O vizinho da onça tem 64 anos, mas corpo de muito menos. Parece ser assim entre os homens que vivem desde tempos remotos na Estrada Geral do Sertão.

Trabalho na terra
 Veja-se seu Valdezinho Dias de Souza, 62 anos, solitário morador de um barraco de adobe, flores penduradas na varanda, chão de terra batida, telhado enegrecido pelas cinzas do fogão a lenha, na área rural de Formosa. Tem o corpo musculoso, a barriga sarada como um jovem malhado de academia. "Estou bom e bonito", diz ele, sorriso pedindo consento nos dentes. Valdezinho ("é o nome mais besta que já existiu na face de Terra") acordou às 4h e vai para a lida na roça. É a enxada, o facho e o ancinho que lhe garantem o vigor físico.

Na outra ponta do trecho Divisor de Águas, está a cidade de Corumbá, 275 anos de uma história nascida da exploração do ouro. O escritor Bernardo Ellis conta, em uma de suas obras, que o sargento-mor Antônio José de Campos, um rico minerador da região, mandou calçar a estrada que ligava Corumbá a Pirenópolis para que a mulher por ela pudesse transitar.

O historiador Jarbas Jayme, no livro *Esboço Histórico de Pirenópolis*, informa que o calçamento foi apenas em alguns trechos da estrada. Existem até hoje vestígios dessa estrada. "Poucos, mais existem", informa o professor Ramir Curado, dono da mais antiga loja em atividade do estado de Goiás, a Casa Esmeralda, aberta 140 anos atrás no número 111 da Praça da Matriz.

A Estrada Geral do Sertão traz a promessa de "revalorizar as tradições, reafirmar a identidade local e pode dar aos jovens nascidos em Corumbá a oportunidade de permanecerem na cidade", espera Curado. A estrada é esperança para os povos esquecidos da região. É um velho/novo caminho para encontrar o Brasil.

FOTOS: RENATO DE OLIVEIRA/CB; ESTRELA DE SÃO PAULO/ARQUIVO ANTONIO ANASTASIO JUNIOR; FONTE: ATLAS UNIVERSAL/CÍRCULO DO LUNAR/EDITORA HELLO/ARQUIVO/ST/BR/CE